



ORGAM LITTERARIO

Dos alumnos Externos do Instituto de Sciencias e Letras
PUBLICAÇÃO QUINZENA

ANNO I

S. PAULO, 18 de Dezembro de 1902.

NUM. 14

EXPEDIENTE

REDACÇÃO:
LARGO DO PAYSANDÚ N. 4

A redacção não se responsabilisa pelas idéas expendidas pelos collaboradores.

ASSIGNATURAS:
ANNO 3\$000
NUM. AVULSO \$200

AVISO

Pedimos aos srs. socios que estão em debito, o obsequio de solverem os seus compromissos, pois, temos sérias obrigações a satisfazer.

Dr. Prudente de Moraes

A Nação Brasileira, profunda e sinceramente magoada, chora, dolorida o passamento do filho querido e emerito Prudente de Moraes.

Não podemos esboçar nestas modestas e limitadas columnas a vida publica do illustre finado, do venerando e saudoso ex-Presidente da Republica ex.^{mo} sr. dr. Prudente José de Moraes Barros. Interpretando, porém, o sentimento nobre e patriotico que domina, forte, o peito da mocidade, queremos, por nossa vez associar-nos á profunda e justa dôr, que fortemente compunge o coração do grande e generoso povo brasileiro.

Acerca da vida politica do emerito cidadão e esclarecido estadista, a auctorisada opinião da imprensa nacional e estrangeira e, ainda mais, a preponderante e valorosa opinião publica, já fallaram bastante eloquentemente, rendendo-lhe o devido preito do homenagem.

Através de todas as vicissitudes de sua brilhante e honrosa carreira politica, o homem extraordinario que acaba de fallecer deu nobre exemplo de patriotismo e de abnegação, não muito communs em nossa época. Nada, porém, falla tão alto e eloquente acerca do immaculado e incorruptivel character do preclaro estadista, quando s. ex.^{mo} foi investido da suprema direcção dos nossos destinos; ahi, elle deu evidentes provas de serenidade, de patriotismo e de sincero ao regimen republicano, para cuja implantação em nosso paiz, elle tanto contribuiu reconhecido e com a sua palavra ponderada e fluente.

As luctas civis ameaçavam, a todo instante, a estabilidade do regimen constituido, perigando assim a Republica, a qual felizmente, encontrou para defendel-a, sempre sereno e heroico, o grandê vulto brasileiro que se chamou — Prudente de Moraes.

Prudente de Moraes, typo épico do patriotismo pleno e acrisolado, do character inquebrantavelmente puro passará para

a Historia como um vulto preeminente, onde intensamente brilhará como astro de primeira grandeza, astro que offusca pela magnificencia de verdadeiro patriotismo e de brasileiro grande e benemerito.

A Nação, triste e a soluçar, cobre-se de espesso lucto, e lamenta a morte do abnegado e amantissimo filho que tudo se sacrificou para a tornar forte e respeitada, felicitando-a assim.

Mocidade brasileira! desfolhemos, pois compungidos, sobre a campa fria do inclito e saudosissimo Irmão, os chrysanthemos e as saudades, para que perpetuem no decurso dos seculos e através das gerações futuras, a nossa profunda e sincera dôr por perda tão grande e irreparavel.

SONETO

Tu vaes ao baile conquistar um nova amante
eu fico só, gemendo a minha desventura!...
scismando nesta alcova... nesta alcova
[escura,
onde beijei-te tantos vezes delirante ...

Não vas ao baile, Armindo, eu desejo ar-
[quejante
ungir com beijos mil a tua bocca pura
quero nos braços teus ardente de ventura
morrer de amôr... sentir teu seio palpitante!

Não vas ao baile, peço e rogo e te snpplico
eu quero ver-te a todo instante... affecto fico
quando não oiço a tua voz doce... bem dicta.

Ineres Armindo me deixar então sosinho
aqui neste armo, sem amôr e sem carinho?...
serás a causa de meu mal... serás maldicta...

LUIZ GABRIEL DE FREITAS, S. Paulo.

PROSAS...

A *bicharada* está com medo: os exames estão próximos. Todos cessaram de *cabular* e tratam de *cavar* uma cartinha para o Garolli, o Natividade, o Ribeiro e outros examinadores. Apparelhar as colas, oh bichos! Lembremos de que os exames vão ser difíceis! Por fallar em cola, lembrei-me agora dos mais atrevidos e hábeis coladores de S. Paulo: Julio Prestes, Drauzio Alcantara e Demerval. Estes rapazes, que resumem em si tudo quanto ha de artificioso em materia de *cavação* têm virtudes diferentes: Drauzio andacia para colar e manha de reduzir os hedeis: Julio Prestes uma destreza que engana até o Zé Vicente; e o Demerval, o menos astuto dos tres, o poder admiravel de conduzir uma bibliotheca occulta. O processo seguido é o seguinte: levam-se os bolsos minurados e, si o exame e de Geographia, a Europa deve ir na lado direito, a Azia no esquerdo e assim pordiante. Quando é Historia Natural o recurso é a Bibliotheca do Povo. Na oral de Geographia, (si o Ribeiro é o examinador) o bicho não deve, ficar puieto; deve dar por páos e por pedras e, si for precizo, citar Riclus, Agassiz, Dante e até Homero e mesmo Sesostris: o *cabra* engulirá a peta e a gente vara de barriga...

JUCA PEROBA.

Enfermos

Acham-se ligeiramente enfermos, os nossos collegas, Prudente e Clovis de Moraes Barros.

Acha-se em via de restabelecimento da enfermidade que o prostou ao leito por alguns dias, o disincto academico Julio de Moraes.

ILLUSÃO

A vida tua é meu jardim florido
Ligado ao peito meu por fortes laços;
Brinquei contigo, ha tempo, hoje, no olvido
Eu só quizera ver-te nos meus braços.
Rememorando em meu tristonho leito
Teus lindos risos que eu colhi out'ora,
Inda a chorar poria no teu peito
Dativa lirio que eu colhi na aurora.
Além da dor que o coração curtiu,
As lagrimas que a face me molharam,
Não são ainda o que minh'alma viu,
Deste pobre que as dôres torturaram.
Recordando — nossos tempos idos,
Alguma coisa que eu dizer não sei
Diz-me que ainda não estão perdidos,
Em parte, os sonhos que por ti sonhei.

RONETUET SOPMAC.

RECORDANDO!...

A TI... MEU SONHO!...

Pouco a pouco, o Sol busca o seu doironinho saudado pelo canto mavioso dos passaros que em alegres gorgeios exaltam o grande poema da Natureza. As aguas do limpido regato fazem tinir o pedregulho branco que se esparze por todo o seu leito caudaloso como uma facha de prata cortando o bello verde dos campos!...

O grito estridulo dos carios de boi ouve-se ao longe, vêm voltando da roça e o carreiro, satisfeito pelo quinhão da jornada, canta a modinha, sua predilecta!...

Maria, á soleira da porta, reza a *Ave-Maria*, annunciado pelo dobrar dos sinos da villa visinha. Sua avelludada cutis morena, reflecte a luz purpurea do occaso e o seu traje modesto de caipira, a postura singella de intimo recolhimento, dão-lhe um aspecto bello, de martyr resignado...

Ah!... quizera eu saber o que se passava, no intimo d'aquella alma innocente!... Que

emoções provará eleyando sua prece ao Creador?... Que lhe pedirá?...

Furtivamente tira do seio um papelzinho dobrado; rapido pousa nelle as coralinhas labios e guarda-o novamente... Seus olhos que por um instante brilharam de paixão, tomam outra vez a expressão meiga de sempre.

Maria, ama! e ama com aquelle ardor que só sabem dictar os encantos da Natureza d'esta terra!...

* * *

Tenho saudades infindas de minha infancia que passei na roça quando distraído corria pelos extensos campos verdejantes, colhendo as multiçôres borboletos que tão bellamente os enfeitam e respirando o ar balsamico das gigantescas florestas!...

E... quando me lembro desses ditosos dias, detesto a minha, sorte, e o progresso tedioso do mundo!...

25 — II — 1902

JULIO BOCCOLINI



Casa - Banca

"Grupo Remane de Casa Banca"

LERIAS

Entre criado e amo:

— O' patife! Que é da agua que te pedi, ha meia hora?

— Saiba V. S.^a que a puz ao lume; mas, como levava muito tempo a aquecer, tirei-a e puz outra.

* * *

Simplicio visita pela primeira vez uma familia, que apenas conhecia de nome.

Conversa com a dona da casa quando vê uma grande aranha que passeia pelo tecto.

— Diz:

Sabe o que signefica aquella aranha, minha senhora?

— Aranha á tarde; espe-rança...?

— Não, não é isso. A meu ver significa simplesmente falta de vassoura.

* * *

— Que fazes, menina?

— Estou lavando o nariz de minha boneca.

— Com pinga?

— Sim, pois não é a pinga que faz o nariz de papae ficar vermelho?

* * *

Numa taverna, dois individuos foram-se «emborachando» e o mesmo fazia o taverneiro.

Depois de bastante *tocado*, dizem:

Dá cá mais uma «ragafa»?

O outro, «ragafa» não, — «gafarra.»

O taverneiro cutra rindo-se e diz á mulher;

Ah, «muchê» os «homes» ja podem mais «fallá» nem «fagarre»!

* * *

No Jardim Zoologico:

Um sujeito dá de cara com um marido e sua mulher, ambos horrendamente feios.

Sem se poder conter:

— Caramba! Que diabo abre-ria a gaiola aos macacos?

O marido furioso:

— O Senhor diz isso de mim?

— Não, senhor.

— Refere-se então a minha mulher!

— Tambem não.

— Então a quem se dirigiu?

— Aos dous.

* * *

— O' Juca, amor se escreve com um *m.* só ou com dous?

— Não estou certo; mas quan-do escrevo á Maria, arrumo-lhe dous, para significar que a que-ro, muito.

* * *

Quando Eva foi tirada da cos-tella de Adão, disse o diabo:—

Está bem agora já posso des-cançar!

As mulheres não sabem per-feitamente senão o que jámais aprenderem.

“O PORVIR”

Participamos aos nossos leito-res, assignantes e socios, que re-solvemos suspender a publicação d'O Porvir durante o tempo de exames, continuando a sahir, do mesmo modo, isto é, quinzenal-mente, no dia 3 de Março em diante.

Consta que o sr. dr. Freitas Valle fará parte da banca ex-aminadera de francez.

Esta entre nós, o nosso dis-tincto amigo e collaborador, sr. Tapajos Gomes, vindo da Es-tação «Campos Salles,» onde foi a passeio.

Exames de preparatorios

Como já se sabe, os exames parcela-dos de preparatorios, começarão em se-guida ás inscrepções que vão desde o dia 1.º de Janeiro de 1903, até o dia 15 dô mesmo.

(14) FOLHETIM

Ruy Flavio

O DIOGUINHO

Chronica de um bandido no oéste de São Paulo

CAPITULO IV

Por esse tempo appareceu na fazenda um cigano, vendedor de animaes, trazen-do entre esses um bonito cavallo zaino, que attrahiu sobre si a attenção do Fortunato. O cigano arranchou no pasto da fazenda numa barraca de lona com com-odidade e limpeza para um homem de bom gosto.

Ao Fortunato não passou desaperebi-da essa circumstancia tanto mas que o cigano era homem limpo e de boa appa-rencia, bem conversado e insinuante. Via-se logo que não era da mesma laia de tantos outros que costumavam perambular pelo municipio, uns sujeitos, esquali-dos, boçaes e gatunos refinados, arrastando comsigo uns molambos que até fazem nôjo.

Esse tinha outra apparencia, que nem

parecia ser cigano. Foi por isso que o Fortunato deu-lhe pousada na fazenda e no outro dia cedo fez negocio com elle do cavallo zaino, comprando-o por bom preço. O Fortunato ficou satisfeito com a compra que fizera e o mesmo devia ter acontecido ao cigano, porque no outro dia cedo aprestou-se para seguir viagem. Mas antes de se retirar o cigano esteve conversando com o Thomaz na barraca, ambos muito camaradas como se fsssem velhos conhecidos. De facto assim eram, pois o cigano não era outro sinão o nosse celebre Dioguinho disfarçado em vendedor de animaes.

Ao ver o Thomaz entrar na barraca, perguntou-lhe logo:

— Então, meu Thomaz, como vae o nosso negocio?

— Assim, assim; nem para adiante, nem para traz.

— Ora, seu troxa. Eu pensava que estivesse mais adiantado. Pois, como viste, andei melhor que você Nesse pouco tempo, fui a Jaboticabal, de lá tirei o cavallo que já tinha vendido a um fazendeiro, como tu sabes, e vim trazel-o aqui para vendel-o para o teu patrão, porque no caso de fazer-se a tramada, a suspeita do

crime começará a recahir só sobre elle. Neste ponto fomos felizes.

— Bem pensado.

— Ah! eu cá tenho o espirito bem orientado. Não sou de vocês que le-vam ahi um bandão de dias para trama-rem uma cousinha qualquer.

— Mas, o meu negocio aqui é muito mais difficil, meu caro. Ponha-te o meu lugar e verás. Olha, podes crer que não tem faltado habilidade da minha parte.

— Pois eu vou te dar uma boa sahida. Daqui eu vou á cidade e lá porei uma carta na agencia do correio com letra e assignatura do Sillos, que eu bem conheço, dizendo ao Fortunato que nestes dois dias apparecerá por cá para liquidar a importancia da letra de 20 contos.

— Magnifico plano! Vamos a ver se o homem desta vez bambêa-se com a carta e resolve a dar-nos os cinco contos.

— Nestes tres dias te esperarei na ci-dade para receber a boa nova de ter surtido effeito o meu plano.

— E separaram-se, retirando o Dio-guinho da fazenda.

* * *

Cinco dias depois da compra do cavallo o Fortunato chamou o Thomaz.

ARQUIVO

ENIGMOLOGIA

Charada

Na musica, na musica não é
bôa, do santo — I — I — I

* * *

Pergunta enigmatica

Que é que : para andar lhe
põem a corda ; para andar lhe
tiram a corda ; sem a corda não
pode andar e com a corda não
pode andar?

Charada

Na meza não veja fructa I—2

Charada

4 preposição e o verbo indi-
cam o futuro — I — I

Nota : Recebemos decifrações
do que já foi publicado nesta
secção, até o dia 28 do corrente.
Toda a correspondencia deve
sêr dirigida ao Largo do Pay-
sandú, 4.

MATAGALLO.

CHRONIQUETA

Por absoluta falta de espaço,
deixamos de publicar está tão
apreciada secção, o que fazemos
com grande pesar, mas para
issa pedimos desculpa ao colla-
borador Zenobio Pitada.

* * *

O *Porvir*, neste numero, sa-
hiu um poquinho atrazado, mas,
isto, foi devido á typographia
onde o mesmo é impresso, fe-
char-se por alguns dias, por
motivo de balanço.

* * *

Por alguns erros que sahiram
neste numero d'O *Porvir*, pe-
dimos que os leitores e leitoras
nos desculpem, porque a nossa
revisão *cochilou um pouquinho*.



CONSTA

que o sr. Luiz Antonio dos
Santos D. D. director do Insti-
tuto de Sciencias e Letras re-
solveu que se encerrassem
as aulas deste estabelecimento no
dia 24 do corrente.

* * *

O sr. dr. Ernesto de Moura
D. D. Fiscal Federal junto aos
exames parcellados de prepa-
ratorios disse que talvez fosse
concedida, aos *bichos*, premis-
são para poderem usar do dicio-
nario na prova escripta de
linguas.

* * *

A virtude é a maior das
riqueza que um homem pode
possuir sobre a terra.

* * *

A prece é um combate, de
joelhos, entre o bem e o mal.

Elle tinha reflectido sobre o seu nego-
cio com o Sillos depois que recebeu a
carta deste, e resolveu conversar sobre
o caso com o Thomaz, que já lhe havia
captado toda a confiança.

Dois motivos poderosos o abalavam
para dar o passo que pretendia; o pri-
meiro era que o Sillos exforçava-se para
casar a filha com o filho delle e teve
raiva do mulato por causa desse proce-
dimento. Tal casamento não havia de re-
alisar-se que elle estava ali para impe-
dil-o. O segundo motivo era a lettra de
20 contos, que vinha dar-lhe um rombo
grosso na caixa. O Thomaz já lhe tiahá
informado que o dr. Alipio não sahía da
casa do Sillos, que era um namôro forte
entre o moço e a filha do Sillos, e tanto
que corria como certo na cidade que os
dois já eram noivos. O Fortunato não
poude supportar com calma essa noticia.
Para elle era um grande desafôro, uma
pouca vergonha querer o Sillos por todo
o geito contrariar-lhe a vontade, impondo
um casamento desigual de uma mulata
com um moço branco, de familia limpa.
Isso elle não aturava. E para que o Sillos
havia de teiem querer realizar esse casa-
mento quando já sabia que elle não dava

o seu consentimento? Como pae estava
no seu direito de vingar-se da cilade que
que estavam armando a seu filho, havia
de impedir o enlace imminente.

Chamou o Thomaz.

Olha, patife, então já saraste da
zanga com o Sillos? Agora não queres
mais comel-o?...

O Thomaz teve um sorriso de conten-
tamento, e respondeu:

E' só metter no bolso os cinco contos
de que preciso, montar uma bôa besta
estradeira com uma espingarda ao hom-
bro, que o homem terá poucos dias de
vida, é só o tempo de enconral-o.

— Pôls não está tão difficil: nestes
dois dias elle estará aqui.

O Thomaz arregalou os olhos para o
Fortunato, fingindo grande serpreza.

— Como sabe, Vmcê?

— Recebi uma carta delle.

— Então elle é seu conhecido? per-
guntou admirado, mostrando-se muito in-
commodado. Peço que me desculpe si eu
lhe aggravei, seu patrão, com as minhas
prosas. Mas a verdade é esta mesma; e
só para ver aquelle homem eu me vou
embora da sua fazenda.

Fortunato riu-se.

— Mas si tu queres matal-o, nada mais
facil: é esperal-o na estrada e... prompto.
Para que cinco contos?

— Ah! seu patrão. Os cinco contos
são a garantia da gente. Eu cá sei para
que...

O Fortunato esteve reflectindo por al-
guns momentos, a olhar para o Thomaz,
que não parava de virar e revirar o
chapéo nas mãos, alizando de vez em
quando as sobrançelhas. Subito levantou-
se bruscamente e pegando no braço do
Thomaz:

— Venha cá, e o foi levando para um
quarto da sala, cuja porta fechou sobre
ambos apenas entraram.

O Thomaz não poude disfarçar um
sorriso e acompanhou de bôa vontade o
seu patrão. Fortunato mandou o Thomaz
abancar-se numa cama conservandô-se
elle de pé. Estava pallido e com a voz
tremula.

— Olha, seu Thomaz, eu não gosto
de vêr ninguem soffrer por causa de falla
de dinheiro. Tu estás clamando...

— Perdão, seu patrão, eu não tenho
clamado...

